
Bissexualizando a roleta interseccional¹

Iury SANTOS²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

É notório que as epistemologias bissexuais ainda necessitam de mais espaço na academia brasileira. Como forma de contribuir com esse campo e abordar as possibilidades de exploração de temáticas bissexuais em futuras pesquisas, realizo uma revisão bibliográfica das produções sobre a temática. A interseccionalidade torna-se, dessa forma, central para entender quais são as identidades bissexuais que são comumente exploradas e quais não são tão abordadas. Defino, então, por meio do acionamento da roleta interseccional (CARRERA, 2021), os eixos de opressão pouco discutidos na literatura e aqueles que são mais debatidos.

PALAVRAS-CHAVE: bissexualidade; epistemologias bissexuais; revisão bibliográfica interseccionalidade; roleta interseccional.

CORPO DO TEXTO

1. INTRODUÇÃO

Quantos artigos, dissertações, teses, resenhas, entrevistas ou livros sobre bissexualidade você já leu? Caso você não pesquise sobre essa temática é muito provável que tenha lido poucos ou até nenhum. Elizabeth Sara Lewis (2012) atesta em sua dissertação de mestrado, escrita há mais de 10 anos, que é uma falácia afirmar que há uma quantidade reduzida de trabalhos sobre identidades bissexuais produzidos; mas, de fato, ao compararmos com aqueles que abordam identidades gays e lésbicas o número é bem menor. Isso ocorre não por falta de epistemólogos bissexuais na academia (essa seria outra falácia), mas por questões estruturais complexas que nos mostram o porquê da bissexualidade ainda não ser amplamente debatida no campo

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF) com Bolsa CAPES, email: iusantosdc@gmail.com.

acadêmico e, muitas vezes, quando mencionada, aparecer apenas no final da recorrente frase “gays, lésbicas, transexuais e bissexuais”.

Na comunicação, a produção acadêmica sobre a bissexualidade começou a ser mais frequente no decorrer das décadas de 1980 e 1990, período no qual a mídia impressa estigmatizava os homens bissexuais ao enxergá-los como “pontes” para a transmissão do vírus HIV, associado à comunidade gay, para suas esposas heterossexuais. Robyn Ochs (1996) cita em seu artigo sobre bifobia alguns dos periódicos que culpabilizam homens bissexuais pelo alastramento da AIDS durante a epidemia nos anos 80. Já na coletânea “RePresenting Bisexualities”, encontramos, voltado para o audiovisual, um artigo que aborda a leitura bissexual de filmes com triângulos amorosos entre duas pessoas de mesmo gênero e outra de gênero diferente (PRAMAGGIORE, 1996).

Tendo em vista o crescimento contemporâneo de trabalhos com essa temática e, ainda, a possibilidade de contribuição para o campo de estudos sobre a bissexualidade, realizo uma revisão bibliográfica calcada na identificação das identidades bissexuais que são mais abordadas nos trabalhos e aquelas menos abordadas. Dessa forma, recorro à roleta interseccional, pensada por Fernanda Carrera (2021), enquanto ferramenta metodológica para nortear a identificação de quais indivíduos e temáticas são pouco abordados/as nessas pesquisas. Neste trabalho, tenho como resultado a identificação do eixo de gênero como o mais presente, enquanto aqueles referentes à peso, deficiência e idade ainda necessitam de maior desenvolvimento.

2. METODOLOGIA

Antes de adentrar na atuação da roleta interseccional dei início ao caminho metodológico com a coleta de trabalhos já existentes que trazem como tema central a bissexualidade. Meu ponto de partida foi a identificação de produções referenciadas na dissertação de mestrado de Helena Mônaco (2020), epistemóloga bissexual brasileira, e de Shiri Eisner (2013), autora de “Bi: Notes for a bisexual revolution” livro que aborda de maneira aprofundada interseções da monodissidência com gênero. A partir dessa

seleção, busquei, nos meses de janeiro e fevereiro de 2024, outros trabalhos que, além de gênero, exploram raça, classe, geolocalização, idade, peso e deficiência.

Em um segundo momento, utilizei as plataformas Google Scholar e ResearchGate, além do jornal acadêmico Journal of Bisexuality. Como forma de coletar textos sobre hastes específicas, com poucos trabalhos escritos, utilizei combinações de palavras-chave, tanto em português quanto em inglês. As palavras “bissexualidade” e “bissexual” foram utilizadas junto com “raça”, “classe social”, “idade”, “peso”, “deficiência”, “gênero” e localidades específicas, como, por exemplo, “América do Norte” e “África”. Após a organização desses textos, recorri à roleta interseccional (CARRERA, 2021).

Desenvolvida por Fernanda Carrera, a roleta interseccional tem embasamento no conceito de interseccionalidade, pensado pelo feminismo negro e conceitualizado pela jurista Kimberlé Crenshaw (1991). Ela não se refere a uma soma de opressões ou, como Carla Akotirene menciona, “aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (2019, p. 27). Assim, uma pessoa não-binária negra bissexual, por exemplo, seria oprimida por sua identidade como um todo.

A roleta, por sua vez, é uma ferramenta metodológica visual pensada para o campo da comunicação como uma forma de “guiar [...] análises qualitativas a respeito dos sujeitos, dos objetos e dos processos comunicacionais” (2021, p. 15). Seu acionamento é o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador, de maneira a identificar os eixos de opressão que marcam o sujeito a ser analisado. Durante a pesquisa é possível e, muitas vezes, necessário retornar à roleta para realizar novas perguntas baseadas em quais atravessamentos são ativados.

Construída de maneira circular, conta com oito hastes coloridas referentes a gênero (em amarelo), classe (em verde), geolocalização (em vermelho), deficiência (em marrom), raça (em azul), peso (em cinza), sexualidade (em roxo) e idade (em rosa). A vareta para em cima dos atravessamentos relevantes para o entendimento da situação ou do sujeito observado e a cada pausa as cores se combinam gerando, ao final, uma cor diferente, que indica um indivíduo específico que sofre uma opressão específica de acordo com a sua identidade.

A partir desse funcionamento, proponho neste trabalho a iluminação constante da haste roxa, referente à sexualidade. Ela representa a bissexualidade no decorrer de

toda a análise. Dessa forma, a cada giro um eixo é iluminado junto ao mencionado anteriormente e, a cada acionamento é possível observar a maneira com a qual os tópicos, representados pelos eixos de opressão, são abordados nas pesquisas sobre identidades bissexuais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É necessário, inicialmente, entender a bissexualidade e suas particularidades frente a outras identidades LGBTQIAPN+. Para isso, recorro à Helena Mônaco (2020), pesquisadora brasileira que trabalha com a ideia de termo guarda-chuva. A bissexualidade envolve, então, um conjunto de identidades que são caracterizadas pela atração sexual e/ou afetiva por pessoas de mais de um sexo/gênero; ou seja, pansexuais, polissexuais e os próprios bissexuais, dentre outros.

Ainda no campo teórico, foco uma seção do trabalho nas epistemologias bissexuais. Esses epistemólogos buscam entender o que é a bissexualidade, como ela opera enquanto identidade e seu caráter subversivo frente ao binário heterossexual/homossexual. Trago, então, Maria Prammagiore (1996) e sua epistemologia da cerca; a passibilidade intencional ou coercitiva entre os lados do binário heterossexual/homossexual, apresentada por Shiri Eisner (2013) e o contrato epistêmico de apagamento da bissexualidade, desenvolvido no campo jurídico por Kenji Yoshino (2000).

Na primeira autora, a bissexualidade é entendida enquanto um entrelugar, que separa de um lado a homossexualidade e do outro a heterossexualidade, mas permite que ambos transitem por entre as “tábuas” da cerca, questionando a estabilidade da monossexualidade. A passibilidade, por sua vez, se refere a “ser percebido por outros como membro de um grupo dominante” (EISNER, 2013, p. 92, tradução minha) e o próprio ato de passar é bissexual por subverter categorias e questionar o caráter fixo das identidades. Por último, Yoshino entende que há um contrato social entre identidades heterossexuais e homossexuais como forma de invisibilizar pessoas bissexuais por meio do apagamento.

Outro ponto pensado por essas epistemologias está nas opressões vivenciadas por pessoas bissexuais. A invisibilização da bissexualidade, seguindo o que é proposto

no contrato epistêmico de apagamento, se materializa com o entendimento de que, se um homem bissexual se casa com uma mulher ele passa a ser identificado socialmente como heterossexual e quando se casa com um homem passa a ser lido como homossexual. A bifobia, praticada por gays, lésbicas e heterossexuais, é ao mesmo tempo uma estrutura e uma ferramenta que opera dentro do monossexismo, utilizada como meio de apagar e coagir pessoas bissexuais por meio de estereótipos e problematizar a bissexualidade para pessoas monossexuais, inseridas em um sistema que as privilegia. É importante notar que os estigmas tem forte conexão com gênero, raça, idade e outros eixos de opressão.

4. ANÁLISE

A primeira interseção explorada no trabalho é entre gênero e bissexualidade. Os estereótipos associados às identidades monodissidentes, como a inexistência de uma identidade bissexual, que identificaria como possíveis apenas os lados heterossexual e homossexual da cerca de Maria Pramaggiore (1996) e a não-monossexualidade como confusão e/ou uma fase da vida, são compartilhados entre as diferentes identidades de gênero. Contudo, ao mesmo tempo que há semelhanças, também há diferenças marcantes. A bissexualidade feminina, por exemplo, é hipersexualizada e apropriada pela mídia de maneira erotizada, passando de uma ameaça à estrutura monossexual para algo palatável para o patriarcado. Enquanto isso, os homens bi são apresentados como não-existentes ou como “ponte bissexual” para a transmissão de ISTs para o mundo heterossexual. Pessoas trans, por exemplo, seriam lidas como confusas com relação à sexualidade e ao próprio gênero.

Ao direcionar a análise para as outras hastes de atravessamento da roleta, não é incomum os eixos azul (raça), verde (classe) e vermelho (geolocalização) acenderem juntos. Vivências de raça e classe estão bastante conectadas e podem ser percebidas pela própria composição dos grandes centros urbanos. Trago, nesse ponto, questionamentos em torno da, ainda, baixa produção em torno dessas questões, principalmente a exploração da raça em artigos científicos e por meio de representações em produções seriadas televisivas. Nesse último ponto, trago dados do relatório “Where We Are on

TV” disponibilizado pelo estadunidense GLAAD Media Institute, no período entre 2022 e 2023³.

Na haste de classe abordo a predominância de dados coletados por países do Norte Global e que não podem ser totalizantes para analisar a realidade de países do Sul Global, como o Brasil. Trago, também, os dados salariais, apresentados por Maria Leão (2018) em sua dissertação de mestrado e que dialogam com questões econômicas, que se conectam, também, com questões de gênero. No eixo de geolocalização, por sua vez, abordo a falta de dados empíricos oficiais que guiam as pesquisas dos epistemólogos bissexuais no Brasil, o que torna necessário nos pautarmos em uma realidade estadunidense e europeia que não condiz, em muitos aspectos, com a nossa.

Os três últimos eixos, de deficiência (marrom), peso (cinza) e idade (rosa), ainda possuem uma literatura limitada. Trago, então, a interseção de bissexualidade, idade e deficiência, analisada por Alex Toft, Anita Franklin e Emma Langley (2019). Na haste cinza, menciono duas pesquisas: a primeira realizada por Emma Austen, Katharine Greenway e Scott Griffiths (2020) e a segunda por Flora Oswald e Jes Matsick (2021). Aquela sobre a pressão estética vivenciada por homens bissexuais e essa sobre as percepções em torno do corpo de mulheres bissexuais segundo a teoria *Femme*.

Na última haste analisada, exclusivamente sobre idade, trago um artigo, escrito por Sarah Jen e Rebecca Jones (2019). As autoras apontam que a lacuna de estudos sobre pessoas bissexuais com idades mais avançadas “reflete a relativa invisibilidade de adultos mais velhos que tiveram experiências de atração, comportamentos e identidades bissexuais dentro da comunidade LGBTQIA+ e na sociedade de modo geral” (2019, p. 2, tradução minha).

5. CONCLUSÃO

A partir da revisão da literatura em torno da bissexualidade e da subsequente classificação nos eixos da roleta interseccional foi possível chegar a algumas conclusões que podem auxiliar o entendimento das pesquisas em torno de identidades monodissidentes. Percebo que a bissexualidade ainda é um tema predominantemente

³ O instituto contabilizou séries de ficção originais com estreia de temporadas no horário nobre dos Estados Unidos e em plataformas de streaming em território estadunidense entre primeiro de junho de 2022 e 31 de maio de 2023. Disponível no link: <<https://assets.glaad.org/m/114d72edf8a779a6/original/GLAAD-2022-23-Where-We-Are-on-TV.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

anglófono e europeu, devido a grande quantidade de literatura estrangeira, embora essa temática venha encontrando espaço e se colocando, pela luta dos epistemólogos bissexuais, na academia brasileira. Por meio dessa produção nacional, há possibilidade de desenvolver uma imagem e as especificidades dessa identidade em contato com aspectos sociais, econômicos e culturais brasileiros.

Nesse cenário, a roleta interseccional surge como uma ferramenta metodológica que pensa nas vivências singulares de identidades atravessadas pelos eixos de opressão. Ao fixar a haste roxa, da sexualidade, enquanto um guia para a circulação da vareta, pude observar que o gênero, em amarelo, é bastante utilizado nas análises como forma de diferenciar as vivências de pessoas bissexuais, embora mulheres cis e homens cis ainda sejam maioria nos estudos. Eixos de raça, classe e geolocalização estão em constante diálogo e abrem margem para entendimentos sobre vulnerabilidade econômica de pessoas bissexuais, suas relações com o espaço da cidade e opressões específicas vividas por bissexuais negros, amarelos e indígenas. Contudo, essas interseções ainda ficam, comumente, em segundo plano. Explora-se com frequência as vivências da pessoa bissexual branca de classe média que habita regiões mais centrais das cidades. Em contrapartida, pouco é desenvolvido sobre bissexuais que não se encaixam nesse perfil. Por último, os eixos de idade, deficiência e peso ainda são pouco explorados em associação com a bissexualidade, havendo estudos pontuais sobre indivíduos cujos giros da roleta caem nesses espaços. Essas ausências perceptíveis fornecem a oportunidade de pensar mais a fundo a monodissidência e esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019. E-book. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 27 jul. 2023.

AUSTEN, Emma; GREENAWAY, Katharine H.; GRIFFITHS, Scott. Differences in weight stigma between gay, bisexual, and heterosexual men. Elsevier, Melbourne, v. 35, p. 30-40, ago. 2020.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. E- Compós, v. 24, 13 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2198>.

Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em: 2 jul. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence Against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, p. 1241-1299, 1991.

EISNER, Shiri. *Bi: notes for a bisexual revolution*. Berkeley: Seal Press, 2013.

JEN, Sarah; JONES, Rebecca L.. Bisexual lives and aging in context: a cross-national comparison of the United Kingdom and the United States. *The international journal of aging and human development*, v. 89, n. 1, jul. 2019.

LEÃO, Maria. Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LEWIS, Elizabeth Sara. Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

MONACO, Helena. A gente existe!: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OCHS, Robyn. Biphobia: it goes more than two ways. In: FIRESTEIN, Beth A. (ed.). *Bisexuality: the psychology and politics of an invisible minority*. Sage, 1996. p. 217-239.

OSWALD, Flora; MATSICK, Jes L. Understanding body size and bisexuality via Femme theory. *Fat Studies*, Melbourne, v. 12, n. 1, 30 ago. 2021.

PRAMAGGIORE, Maria. Epistemologies of the fence. In: HALL, Donald E.; PRAMAGGIORE, Maria (ed.). *RePresenting bisexualities: subjects and cultures of fluid desire*. New York: New York University Press, 1996.

PRAMAGGIORE, Maria. Straddling the screen: bisexual spectatorship and contemporary narrative film. In: HALL, Donald E.; PRAMAGGIORE, Maria (ed.). *RePresenting bisexualities: subjects and cultures of fluid desire*. New York: New York University Press, 1996.

TOFT, Alex; FRANKLIN, Anita; LANGLEY, Emma. “You’re not sure that you are gay yet”: the perpetuation of the “phase” in the lives of young disabled LGBT people. *Sexualities*, v. 23, n. 4, p. 1-17, 29 abr. 2019.

YOSHINO, Kenji. The epistemic contract of bisexual erasure. *Stanford Law Review*, Stanford, v. 52, n. 2, p. 353-461, jan. 2000.